A Teoria da Continuidade Paleolítica das Origens Indo-Europeias: Uma Introdução

Mario Alinei





© Apenas Livros Lda., Mario Alinei

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto. 1750-140 Lisboa Tel/fax 21 758 22 85 geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº 281032/08 ISBN: 978-989-618-192-5

1ª edição: 250 exemplares Setembro de 2008 Publicação nº 302

Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção Teoria da Continuidade Paleolítica, 1 Dirigida por Xaverio Ballester www.continuitas.com

www.apenas-livros.com

Apresentação

Dadas as características especiais desta nova colecção, parece-nos pertinente e oportuno fazer uma breve apresentação e um pequeno historial do modo como a Apenas Livros aqui chegou. Esta será a primeira colecção dirigida por um investigador estrangeiro, o professor Xaverio Ballester, linguista da Universidade de Valência, e vai ser preenchida com artigos de especialistas de várias áreas do saber.

Há cerca de dois anos, tomámos conhecimento da existência de um grupo de trabalho, composto por cientistas das áreas da linguística, da literatura, da história, da arqueologia, da antropologia, etc., que divulgam as suas investigações no sítio www.continuitas.com. Numa concreta e efectiva prática interdisciplinar, este grupo pretende reanalisar o conhecimento que temos sobre o passado remoto europeu nas suas várias vertentes, confrontando-o com as cada vez mais intensas investigações dos últimos trinta anos de disciplinas como a genética, a arqueologia, as ciências cognitivas, a climatologia e muitas outras. Conceitos até hoje dados como adquiridos estão assim, e como não podia deixar de ser, postos em causa pelos constantes avanços da ciência e perspectivam-se outras hipóteses, abrem-se novos caminhos, que vêm, inevitavelmente, abalar o nosso conhecimento do evoluir histórico. O professor e linguista italiano Mario Alinei, com a sua Teoria da Continuidade Paleolítica, abriu, por assim dizer, «as hostilidades» e é o principal sistematizador deste grupo, sendo precisamente essa a razão do título que escolhemos para a colecção.

Logo de início, compreendemos as enormes potencialidades desta teoria nas suas aplicações práticas no estudo da História e, sobretudo, no que nos diz directamente respeito, o modo como ela nos poderia levar muito mais longe na compreensão e na interpretação da história portuguesa e peninsular. Partindo da teoria, utilizando-a como modelo epistemológico, muitas contradições ou incoerências da nossa história, tal como ela nos tem sido transmitida, parecem desaparecer e ajudam a construir um novo paradigma para a observação e estudo do fenómeno histórico.

Porque verificámos que, em Portugal, esta teoria é praticamente desconhecida, sentimos desde então que deveríamos contribuir para a divulgar, criando uma colecção que se debruçasse exclusivamente sobre ela e sobre as suas possíveis consequências na reformulação de novas hipóteses, na abertura de novos horizontes.

Tivemos então o incentivo da linguista professora Manuela Barros Ferreira – a quem agradecemos aqui, muito em especial – no sentido de contactarmos directamente o professor Mario Alinei, dando-nos conta da sua grande abertura e do interesse com que ele receberia certamente este nosso projecto. Aliás, Manuela Barros Ferreira foi a única portuguesa a colaborar nas investigações do professor Alinei, através de alguns trabalhos para o *Mapa Linguístico da Europa*.

Numa demonstração de enorme simpatia, o professor Mario Alinei respondeu-nos prontamente e disponibilizou-se desde logo a contactar o investigador do grupo que achou mais adequado para dirigir o projecto: o professor Xaverio Ballester. A Mario Alinei pertence a concepção do grafismo da capa, bem como o artigo que agora publicamos, obviamente o escolhido para início da colecção.

Quanto a Xaverio Ballester, também ele demonstrou uma enorme disponibilidade para fazer parte integrante e activa deste projecto, colaborando connosco de um modo que, confessamos, não é comum entre nós. E foi, assim, que encetámos esta caminhada conjunta, que desejamos longa e profícua.

A Mario Alinei e a Xaverio Ballester o nosso maior agradecimento.

Os Editores

A TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA DAS ORIGENS INDO-EUROPEIAS: UMA INTRODUÇÃO

1. AS DUAS TEORIAS SOBRE AS ORIGENS DOS INDO-EUROPEUS ANTERIORES À TCP

1.1 A Teoria da Invasão Calcolítica Indo-Europeia

Como é sabido, até há pouco tempo, a doutrina aceite acerca das origens dos Indo-Europeus na Europa centrava-se na ideia – agora chamada *mito* (Hausler 2003) – de uma invasão indo-europeia, na Idade do Cobre (IV milénio a. C.), de pastores cavaleiros guerreiros. A última, e mais autorizada versão dessa teoria, foi a chamada teoria dos *kurgany*, elaborada por Marija Gimbutas, segundo a qual os Proto-Indo-Europeus foram os guerreiros pastores que construíram *kurgany*, *i. e.*, montículos tumulares, na região das estepes da Ucrânia (p. ex. Gimbutas, 1970, 1973, 1977, 1980). Dessa zona das estepes, os conquistadores proto-indo-europeus dos *kurgany* teriam invadido, primeiro, o Sudeste da Europa e, a partir de então, depois de terem evoluído no decurso do III milénio para o chamado povo do *battle axe*, o povo do machado de combate, teriam, de algum modo, apagado a maioria das línguas preexistentes e expandido as línguas indo-europeias por toda a Europa.

Ao colocar a chegada dos Indo-Europeus no IV milénio e o processo de transformação proto-indo-europeia em grupos de línguas separadas no III milénio, o processo subsequente teria ocorrido, inevitavelmente, no II e no I milénios, ou seja, durante as Idades do Bronze e do Ferro, nas quais os grupos de línguas separadas teriam evoluído para as línguas mais conhecidas.

Embora a maioria dos especialistas do indo-europeu ainda esteja relutante em admiti-lo, esta cronologia e o panorama subjacente podem agora ser considerados completamente obsoletos. De facto, as provas coligidas pela Arqueologia nos últimos trinta anos mostram sobejamente a ausência de qualquer invasão em larga escala na Europa e uma continuidade ininterrupta da maioria das culturas europeias das

Idades do Cobre e do Bronze, desde o Neolítico, tal como o mostra a continuidade da maioria das culturas neolíticas, desde o Mesolítico e o Paleolítico Superior.

Normalmente, os arqueólogos não se debruçam sobre temas linguísticos. Provavelmente, essa será a razão pela qual os linguistas históricos continuaram a assumir a teoria tradicional como verdade inquestionável, apesar de terem começado a surgir na literatura arqueológica dos anos 70 sólidas conclusões acerca da ausência de vestígios de invasões e sobre a existência de uma continuidade cultural.

1.2 A Teoria da Descontinuidade Neolítica de Renfrew

Num livro intitulado *Archaeology and Linguistics. The Puzzle of Indo-European Origins*, publicado em 1987, o arqueólogo Lord Colin Renfrew recolheu as provas arqueológicas disponíveis para desferir o golpe fatal na teoria tradicional, e, indo mais longe, apresentou uma nova teoria acerca das origens indo-europeias que ele próprio intitulou *Dispersão Neolítica* indo-europeia; baseou-a na observação de que o único momento da pré-história europeia passível de coincidir com uma gigantesca mudança — como a da presumível indo-europeização da Europa – terá sido o início da agricultura, no VII milénio a. C.

Para além disso, já que a agricultura nasceu no Médio Oriente e a arqueologia detecta apenas um modesto movimento migratório para o Sul da Europa vindo dessa direcção — associado à introdução da agricultura —, Renfrew concluiu que estes agricultores primitivos eram proto-indo-europeus, responsáveis pela introdução do indo-europeu na Europa do Sul e Central e que a expansão subsequente começou a partir dessas duas áreas, acompanhando a expansão das técnicas agrícolas. E uma vez que é especialmente evidente uma contribuição intrusiva nas duas mais antigas culturas neolíticas do Sul da Europa, ambas datadas do VII milénio — a do complexo dos Balcãs e a cultura da cerâmica impresso-cardial, no Ocidente e centro mediterrânico —, e, em menor grau, na cultura da cerâmica linear (*Linienbandkeramik* – LBK), na Alemanha e no Leste da Europa, datada do V milénio, estas culturas representariam, pois, a primeira introdução do indo-europeu na Europa.

Assim, a filosofia subjacente a esta teoria reside no facto de os Proto-Indo-Europeus, longe de serem guerreiros que invadiram e conquistaram a Europa tão-só pela força das armas, são, pelo contrário, os inventores da agricultura, que conquistaram a Europa pela superioridade cultural e intelectual. Filosofia esta que se mantém, no essencial, eurocêntrica, ainda que agora os Proto-Indo-Europeus passem a ser encarados como pacíficos criadores da agricultura, em vez de os guerreiros super-homens da teoria tradicional.

O livro de Renfrew deu origem a um debate internacional muito aceso, que continua em crescente desenvolvimento, deslocando ao mesmo tempo o seu foco em resposta às crescentes objecções. A sua teoria, que coloca o fulcro na descontinuidade neolítica, pode ser intitulada *Teoria da Descontinuidade Neolítica* (TDN) e é, sem dúvida, superior à teoria tradicional das invasões, dado que elimina o mito do *Blitzkrieg* proto-indo-europeu, contrapondo-o a pacíficos Europeus Antigos. Contudo, quanto ao resto, cria mais problemas do que os que resolve:

- 1) A arqueologia prova que a maioria das culturas neolíticas da Europa continua as culturas mesolíticas anteriores, e, mesmo nas áreas em que a intrusão é arqueologicamente verificada, as populações mesolíticas foram rapidamente envolvidas no processo de aculturação: não há verdadeira descontinuidade entre o Mesolítico e o Neolítico (cf. Zvelebil, 1986, Zvelebil e Dolukhanov, 1991).
- 2) As duas regiões do Sul da Europa onde as culturas neolíticas mostram efectivamente infiltrações provenientes do Médio Oriente são precisamente as áreas onde os vestígios linguísticos não-indo-europeus são mais visíveis e importantes, como qualquer linguista familiarizado com os dados linguísticos das antigas (e modernas) Itália e Grécia rapidamente admitirá. Tais dados apontam precisamente para o contrário do que a TDN sugere, nomeadamente, que o Sul da Europa deveria ter sofrido a mais forte influência do proto-indo-europeu vinda do Médio Oriente. Na verdade, para explicar a situação linguística real, a assunção da TDN tem de ser pura e simplesmente invertida: os agricultores do Médio Oriente que introduziram o Neolítico na Europa do Sul foram precisamente os grupos não-indo-europeus, responsáveis pelo elemento não-indo-europeu da região (Alinei, 2000, 2001).
- 3) No que diz respeito ao Norte e ao Ocidente da Europa, a TDN é obrigada a assumir que os Indo-Europeus «chegaram» muito depois das culturas do Neolítico Antigo. Contudo, esse período é exactamente aquele em que a arqueologia não detecta qualquer vestígio de descontinuidade: não há, por exemplo, qualquer vestígio da «chegada» dos Celtas ao Oci-

dente da Europa (o que quer simplesmente dizer que eles sempre lá estiveram); e, quanto ao povo germânico, é absurdo pensar que os agricultores da LBK — proto-germânicos, de acordo com a TDN — tenham sido motivados a expandir-se em direcção ao Norte, até à Escandinávia e à Noruega, tenham adoptado os instrumentos de pesca e as técnicas e os hábitos de pesca de mar alto das culturas especializadas do próspero Mesolítico dessas regiões, sem, contudo, terem adoptado qualquer terminologia piscatória desses povos e, sobretudo, sem terem adoptado qualquer dos seus topónimos: em toda a Escandinávia, a toponímia é germânica ou urálica! Obviamente, a convergência entre a continuidade dos povos do Norte, das culturas piscatórias e das tecnologias e o carácter das terminologias e da toponímia germânica ou urálica apontam para uma continuidade da língua, tal como acontece na zona urálica (Alinei, 2000).

4) Como demonstrei no meu livro (Alinei, 1996, 2000) e em diversos artigos (p. ex., 1991g, 1992f, 1997f, 1997g, 1998e, 1998g, 2000c, 2001a, 2001d), não há qualquer maneira de reconciliar a história semântica de inúmeras palavras indo-europeias e as suas implicações cronológicas com o panorama proposto pela TDN. Qualquer análise minuciosa e sem preconceitos da riqueza de dados indo-europeus aponta para um fundo paleolítico em relação aos estratos mais antigos do vocabulário proto-indo-europeu e para uma muito mais primitiva diferenciação linguística dos Proto-Indo-Europeus, vinda do Paleolítico Superior e do Mesolítico. É esta a razão pela qual a terminologia neolítica indo-europeia, tal como é admitida agora até por académicos tradicionais (Villar, 1991), é nitidamente diferenciada de grupo para grupo: um facto que colide com a própria ideia de os Indo-Europeus serem os inventores da agricultura (ibidem).

2. UM RESUMO INTERDISCIPLINAR DAS CONCLUSÕES CONVERGENTES SOBRE O PROBLEMA DA ORIGEM DA LÍNGUA E DAS LÍNGUAS

Abandonando as duas teorias concorrentes por inadequadas, uma teoria realmente nova sobre as origens indo-europeias deve reconciliar as ainda fundamentais conquistas da tradicional linguística histórica e comparada — inevitavelmente negligenciada por Renfrew e pelo seu grupo — com as conclusões alcançadas pelas ciências e disciplinas mais actuais.

E, recentemente, pelo menos cinco ciências e disciplinas diferentes têm-se debruçado sobre os problemas da origem da língua em geral e das línguas em particular: a) a linguística geral e, mais especificamente, a linguística psicocognitiva; b) a paleoantropologia; c) as ciências cognitivas; d) a genética; e) a arqueologia. Embora o tenham feito sob diferentes pontos de vista e com diversas abordagens, chegaram a conclusões que parecem mostrar uma extraordinária convergência. Será, pois, a partir destas conclusões convergentes que se deve construir uma nova teoria sobre as origens do indo-europeu (e da língua).

2.1 Linguística geral, psicolinguística e linguística cognitiva

Na linguística geral, a ideia central da teoria revolucionária de Noam Chomsky, sobre os fundamentos psicológicos e formais da fala, assenta na afirmação de que a *fala é inata*. Até há pouco, esta afirmação constituía o maior obstáculo à integração da sua teoria num quadro evolucionista darwinista. Contudo, uma grande descoberta, feita separadamente por académicos especializados em diferentes ciências (v. alíneas seguintes), veio trazer uma solução inesperada a este problema.

2.2 Paleoantropologia

Os últimos vinte anos de investigação de campo levaram Ph. V. Tobias, um dos maiores especialistas mundiais, a concluir que a questão actual já não é saber se o *Homo habilis* falava (hoje dado como certo), mas saber se a capacidade de falar já estava opcionalmente presente em alguns *australopitecos*, de modo a torná-la obrigatória no *Homo*, como uma das suas características únicas. Como ele mesmo escreve: «Várias linhas de investigação sugerem que os rudimentos dos centros da fala e a própria fala já estavam presentes antes de a última população ancestral hominídea ter gerado o *Homo* e a robusta espécie dos australopitecos [...] Ambos os ramos terão herdado a propensão para a linguagem falada. Provavelmente a função teria sido facultativa no *A. robustus* e no *A. Bosei*, mas obrigatória no *Homo*» (Tobias, 1996, 94, afirmação do autor).

2.3 Ciências cognitivas

Com base em provas independentes, Steven Pinker, inspirado na teoria da linguagem de Chomsky, chegou às mesmas conclusões no campo das ciências cognitivas, no seu livro sobre o 'instinto da linguagem' (Pinker, 1994): «uma forma de linguagem pode ter inicialmente emergido [...] depois de o ramo que levou aos humanos se ter separado do ramo que levou aos chimpanzés. O resultado terá sido chimpanzés sem linguagem e cerca de cinco a sete milhões de anos durante os quais a linguagem poderá ter evoluído gradualmente» (Pinker, 1994, 345). Em suma, a linguagem terá sido, de facto, inata nos humanos, mas apenas como resultado de uma muito mais longa evolução do que tradicionalmente se pensava, a começar com alguns *australopitecos*.

2.4 Genética

Na genética, a escola fundada e dirigida por Luca Cavalli Sforza fez descobertas fundamentais sobre as relações entre genética e linguística, tais como:

- A) A zona de distribuição de marcadores genéticos corresponde largamente às das línguas mundiais (Cavalli Sforza *et al.*, 1998, 1994, Menozzi *et al.*, 1978, etc.).
- B) A diferenciação da linguagem deve ter seguido, passo a passo, a dispersão populacional dos humanos (provavelmente, o *Homo sapiens sapiens*) (*ibidem*).
- C) Geneticistas independentes a trabalhar sobre ADN verificaram recentemente que 80 por cento da base genética dos Europeus remonta ao Paleolítico (p. ex. Sykes, 2001, 240 n.).

Apesar destas conclusões, em relação ao problema específico das origens das línguas indo-europeias, Cavalli Sforza tentou, em primeiro lugar, ajustar os seus dados ao modelo tradicional da teoria das invasões guerreiras, afirmando que os dois dados convergiam e, mais tarde, fez o mesmo com o modelo de Renfrew (Ammerman-Cavalli Sforza, 1984). Contudo, recentemente teve de se render aos últimos resultados da investigação genética, *i. e.*, que 80 por cento da base genética dos Europeus recua ao Paleolítico (Sykes, 2001, 240 n). Tal como Bryan Sykes comentou recentemente: «Os agricultores neolíticos foram certamente importantes, mas só contribuíram com cerca de um quinto dos nossos genes. Foram os caçadores-recolectores do Paleolítico que criaram a base principal do caldo genético europeu» (Sykes, 2001, 242).

2.5 Arqueologia

Nas últimas três décadas, as investigações arqueológicas fizeram bastantes avanços revolucionários, de entre os quais o mais bem conhecido é maior recuo cronológico da pré-história europeia, obtido através da datação do radiocarbono e de outras técnicas de datação inovadoras. Contudo, no que respeita ao nosso tema, as conclusões que mais nos interessam – e que já mencionámos – são:

- A) Não há quaisquer vestígios de uma gigantesca invasão guerreira, a ponto de ter provocado uma substituição linguística à escala continental, como defende a tradicional teoria indo-europeia; e
- B) Todas as culturas neolíticas da Europa ou são uma continuação directa das culturas mesolíticas ou foram criadas por grupos mesolíticos após a sua neolitização por agricultores provenientes do Médio Oriente.

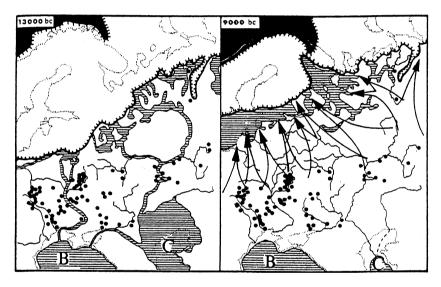
Assim sendo, mais uma vez, terá sido totalmente improvável uma substituição linguística à escala imaginada. Há, em vez disso, todas as provas possíveis de uma continuidade, démica e cultural, do Paleolítico até às Idades dos Metais. A continuidade é, agora, universalmente considerada o padrão básico da pré-história europeia. Até James Mallory, provavelmente o último arqueólogo que defende a teoria da invasão indo-europeia, teve de ceder: «O mais simples objectivo dos arqueólogos [é] a demonstração de uma relativa continuidade e a ausência de invasão» (Mallory, 1989, 81).

3. MAIS DOIS CONTRIBUTOS PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Às cinco conclusões que temos vindo a resumir podem somar-se mais dois contributos para a solução do problema das línguas indo-europeias: a chamada *Teoria da Continuidade Urálica*, na medida em que pode fornecer um esclarecedor paralelo para o nosso tema; e as pesquisas em história da arqueologia, linguística e ideologia, na medida em que explicam as razões pelas quais os fundadores dos estudos indo-europeus foram motivados a criar o mito de uma invasão recente da Europa neolítica por excepcionais guerreiros indo-europeus.

3.1 A Teoria da Continuidade Urálica

Nos últimos trinta anos, tem havido um importante progresso na história das origens europeias, a qual só recentemente começou a atrair a atenção de especialistas de outras áreas; ou seja, a chamada *Teoria da Continuidade Urálica* (em finlandês, *Uralilainen Jatkuvuusteoria*), desenvolvida nos anos 70 por arqueólogos e linguistas especializados na região urálica da Europa, isto é, a região das línguas fino-úgricas e samoiédicas. Esta teoria reivindica uma ininterrupta continuidade das populações e das línguas urálicas desde o paleolítico: o povo urálico teria feito parte dos herdeiros do *Homo sapiens sapiens* vindos de África, teria ocupado o



Territórios urálicos durante o Paleolítico Superior e após o degelo mesolítico, de acordo com especialistas urálicos (segundo Nuñez 1987).

médio Leste da Europa nos tempos glaciares paleolíticos e, durante o pós-glaciário do Norte da Europa, no mesolítico, teria seguido o degelo ao longo das altas montanhas e, eventualmente, ter-se-ia estabelecido nos seus actuais territórios (Meinander, 1973, Nuñez, 1987, 1989, 1997, 1998).

A importância desta teoria para o nosso tema situa-se nas alíneas seguintes:

- 1) Substitui uma anterior «teoria da invasão», muito semelhante à teoria tradicional indo-europeia e praticamente moldada a partir dela.
- 2) Representa a primeira afirmação de uma continuidade ininterrupta vinda do Paleolítico do segundo grupo linguístico europeu, abrindo assim caminho para uma teoria semelhante para o indo-europeu.
- 3) Actualmente, é geralmente aceite não só por especialistas da préhistória fino-úgrica e das línguas fino-úgricas, mas passou a fazer parte da cultura geral em todos os países onde as línguas urálicas são faladas.
- 4) Obriga a questionar a validade da cronologia até agora aceite para inúmeras palavras urálicas importadas, vindas das línguas contíguas indo-europeias e turcas.

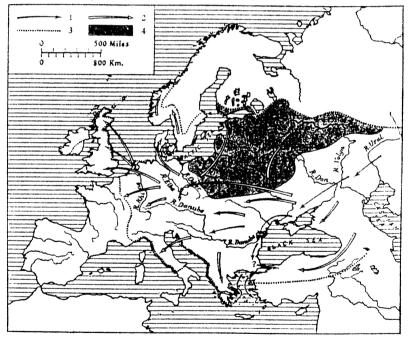
Há, assim, todas as razões para avançar com uma teoria semelhante, em relação ao maior grupo linguístico da Europa.

3.2 História das ideias

Muitos estudos recentes demonstraram que os fundamentos da pesquisa científica indo-europeia do séc. XIX foram profundamente influenciados pela contemporânea ideologia ariana, pangermânica e colonialista, primeiramente avançada nas obras *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* (1853-1855), do conde Joseph-Arthur de Gobineau, e em *Die Grundlagen dês XIX Jahrhunderts* (1899), de Houston Stewart Chamberlain, com ênfase na superioridade racial dos Indo-Europeus e na sua inclinação para a guerra e para a conquista (p. ex. Poliakov, 1974, Römer, 1985, Trigger, 1989, Renfrew, 1987, etc).

Eis, por exemplo, como Adolphe Pictet, o fundador da chamada *Paleontologia Linguística*, descreveu a "raça ariana" no seu livro *Les Origines des Indo-Européennes ou les Aryas Primitifs. Essai de Paléontologie Linguistique*, Paris, 1859-63: «uma raça destinada pela Providência a dominar todo o mundo [...] Privilegiada entre todas as outras raças pela beleza do seu sangue e pelos dons da sua inteligência [...] esta raça fértil trabalhou para criar para si mesma, como um meio para o seu desenvolvimento, uma língua que é admirável pela sua riqueza, poder, harmonia e perfeição de formas».

Em suma, os primeiros especialistas do indo-europeu – imbuídos das ideias colonialistas do séc. XIX europeu – preferiram ver os Proto-Indo-Europeus como uma raça superior de guerreiros e colonizadores, que teriam conquistado a alegadamente «pré-indo-europeia» Europa neolítica na Idade do Cobre e trazido até ela a sua civilização "superior". Além disso, dado ser necessário os guerreiros indo-europeus terem armas e cavalos, também foi obrigatória a escolha da Idade do Cobre, já que era esse o contexto da cultura dos *battle-axes* ou 'machados de combate', da metalurgia e da cavalaria. Simultaneamente, enquanto o conceito da super-raça ariana dava forma ao mito dos invasores cavaleiros da cultura do *machado de combate*, nasceu um outro mito, dentro do mito ariano mais lato: o pangermanismo. No seio da raça superior ariana, os fundadores germânicos dos estudos indo-europeus viam o povo germânico como um povo de super-homens, o mais puro e mais próximo da abençoada raça original, e escolheram a região germânica como a *Urheimat* ou pátria originária dos Proto-Indo-Europeus.



Este mapa mostra como Marija Gimbutas viu a blitz-krieg indo-europeia em relação às populações pré-indo-europeias: só as escassas setas pretas indicam os movimentos reais do povo kurgan. As brancas são imaginárias! A Área cinzenta representa a expansão proto-báltica (segundo Gimbutas 1963).

Depois da Segunda Guerra Mundial, com o fim da ideologia nazi, surgiu uma nova variante do quadro tradicional, introduzida por Marija Gimbutas, uma acérrima nacionalista báltica, que depressa se tornou na nova ortodoxia da teoria indo-europeia,: os super-guerreiros da cultura dos *machados de combate* proto-indo-europeus ficavam melhor representados pelas elites bálticas do que pelas elites germânicas (Gimbutas, 1970, 1973, 1977, 1979, 1980).

Curiosamente, também a ideia central da TDN, nomeadamente a dos inventores da agricultura serem indo-europeus, em lugar dos "verdadeiros" povos Sumérios e/ou Semitas do Médio Oriente, é também um outro veio deste — muitas vezes inconsciente —, etnocentrismo que atravessa a história da investigação sobre as origens dos Indo-Europeus.

4. A NOVA SÍNTESE: A TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA DAS ORIGENS DOS INDO-EUROPEUS

A partir destas conclusões convergentes, foi proposta (Alinei, 1996-2000) uma Teoria da Continuidade Paleolítica (TCP) das origens dos Indo-Europeus, tal como da origem e evolução da língua, cujos pontos fundamentais são:

4.1 A continuidade como hipótese de trabalho de base das origens das línguas indo-europeias.

Se a demonstração de continuidade, como James Mallory (1989, 81) teve de admitir, é «o mais simples objectivo dos arqueólogos», então:

- Também no que respeita às origens europeias, a mais fácil hipótese de trabalho é o modelo de continuidade e não qualquer outra alternativa.
- 2) Consequentemente, o ónus da prova é agora da responsabilidade dos defensores da teoria invasionista (neolítica ou calcolítica) e não dos anti-invasionistas.
- 3) Enquanto não houver outra teoria alternativa que forneça uma irrefutável contraprova, a Continuidade Paleolítica pode ser considerada a teoria vencedora.

4.2 Antiguidade e estabilidade da linguagem e das línguas, em geral

A linguagem e as línguas são muito mais antigas do que tradicionalmente se pensava. Consequentemente, também os vestígios das suas origens, mudança e desenvolvimento podem ser enquadrados numa muito mais ampla cronologia, em vez de serem comprimidos no espaço de poucos milénios, como se tem feito tradicionalmente e como também a TDN obriga a fazer. Enquanto os linguistas tradicionais, ao materializarem a linguagem, fizeram da mudança uma espécie de lei biológica e orgânica do desenvolvimento da língua - o seu tempo extraordinário encaixaria nas cronologias curtas da recente invasão ou da mais primitiva neolitização —, a nova e muito mais longa cronologia da origem e do desenvolvimento da linguagem impõe uma reviravolta nessa concepção: a conservação é a lei da linguagem e das línguas e a mudança é a excepção, causada, não por uma alegada "lei biológica da língua", mas por factores externos (étnicos ou sociais), i. e., por contactos e hibridização da língua, em concomitância com os mais importantes acontecimentos ecológicos, socioeconómicos e culturais que deram forma a cada região do globo (Alinei, 1996).

4.3 Antiguidade e periodização do léxico das línguas naturais

Importante corolário desta nova concepção e da nova cronologia das origens e do desenvolvimento das línguas é o facto de a emergência e a formação do léxico de todos os grupos linguísticos do mundo e dos seus diferentes agrupamentos, incluindo evidentemente o indo-europeu, terem de ser "periodizadas" ao longo de toda a evolução humana e não comprimidas na pré-história recente, como é característico na teoria tradicional, assim como na TDN. A ilustração linguística deste princípio enche muitas das 2000 páginas dos meus dois volumes e representa a primeira análise linguística pormenorizada dos vestígios indo-europeus à luz das novas cronologias e do quadro imposto pelo progresso científico. Seguem-se alguns exemplos dessa **periodização lexical** aplicada ao indo-europeu:

1) O léxico proto-indo-europeu, *i. e.*, o léxico comum a todas as línguas indo-europeias, que inclui, entre outros elementos, palavras gramaticais, tais como pronomes pessoais, formas interrogativas e outros elementos semelhantes, forma por definição os extractos mais antigos.

Assim, deve ser colocado no mais antigo Paleolítico e ser visto como reflectindo o acordar e o desenvolver da consciência humana e das actividades culturais de um já separado e independente grupo linguístico. Na verdade, as diferenças no léxico da estrutura gramatical patenteadas pela maioria dos grupos linguísticos deviam ser suficientes para desqualificar como sem sentido qualquer pesquisa tendente à reconstrução de um léxico monogenético universal (cf. p. ex. Ruhlen, 1994).

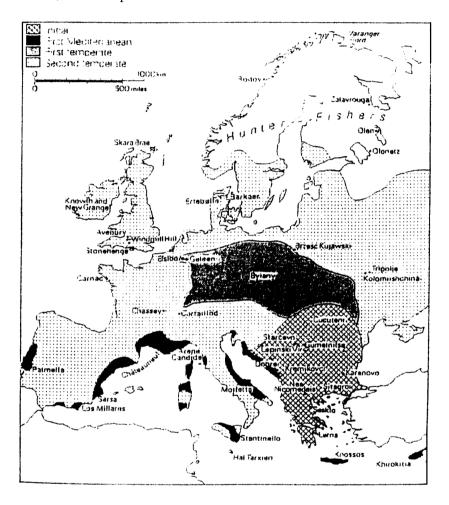
- 2) Se palavras indo-europeias para 'morrer' (que vem do indo--europeu *mer-) pertencem ao léxico proto-indo-europeu, e para 'enterrar' há palavras diferentes na maioria das línguas indo-europeias, isto deve interpretar-se como uma prova de que, quando teve início o ritual de enterramento, no Paleolítico Superior, os grupos já estavam diferenciados. Do mesmo modo, se o nome de vários animais selvagens, entre os quais o de urso (proto-indo-europeu *rkP-s), pertence ao léxico proto-indo-europeu, isso significa que esses animais pertenciam ao universo cognitivo e cultural das pré-religiões indo-europeias dos caçadores paleolíticos. Reciprocamente, os chamados nomes noa para urso (i. e., que substituem os verdadeiros nomes tabus) das línguas célticas, germânicas, bálticas e eslavas, todos diferentes uns dos outros, só podem indicar que na época em que no Paleolítico Superior emergiram as preocupações religiosas relacionadas com animais de caca ligados ao totemismo (atestadas também pelos mais antigos testemunhos do culto do urso), as línguas indo-europeias já estavam diferenciadas (Alinei, 1996, 2000, 2003b).
- 3) Além disso, designações para invenções típicas do Mesolítico, tais como 'arco', 'alcatrão', instrumentos de pesca, de carpintaria e muitos outros, são diferentes em cada grupo indo-europeu, provando que na época do Mesolítico as línguas indo-europeias já estavam diferenciadas (*ibidem*).
- 4) A diferenciação acentuada, agora finalmente admitida até por tradicionalistas (Villar 1991), da terminologia agrícola nas diversas línguas indo-europeias, absolutamente inexplicável no contexto da TDN de Renfrew, fornece ainda uma outra prova fundamental de que a diferenciação das línguas indo-europeias remonta à pré-história remota.

4.4 As fronteiras arqueológicas coincidem com as fronteiras linguísticas

A existência e a estabilidade ou mobilidade das fronteiras entre as culturas pré-históricas nos diferentes períodos da Pré-História ficam claramente demonstradas, mais do que por qualquer outra argumentação, pelos mapas arqueológicos cronoestratigráficos, iniciados, como é conhecido, por Gordon Childe (Childe, 1925-1957, Burkitt-Childe, 1932). Estes mapas podem constituir uma ajuda significativa aos linguistas históricos, porque:

- I) Dependendo da sua antiguidade cronológica, importância e estabilidade, estas fronteiras culturais podem agora ser vistas como correspondendo a fronteiras de famílias linguísticas, a fronteiras de grupos linguísticos, a fronteiras dialectais.
- II) As várias sub-regiões geográficas indicadas pelas colunas de um mapa arqueológico não foram escolhidas subjectivamente, sendo a sua delimitação autogerada, i. e., "regulada" pela muito específica e exclusiva sequência do desenvolvimento cultural que configura tal como era cada sub-região, identificando-a e distinguindo-a das outras.
- III) Cada sequência cultural, correspondendo a uma dada subárea geográfica, tem portanto uma diferenciada e forte *identidade* cultural, que, conforme o período e a área envolvida, facilmente poderia ligar-se a uma família linguística, a um grupo linguístico ou a um grupo dialectal. Se, por exemplo, o Neolítico Cardeal pode ser visto como correspondendo a um já diferenciado grupo italóide, cada uma das suas subáreas mais tardias pode ser interpretada como representando uma espécie de diferenciação «dialectal» da mesma «língua» comum. O mesmo se pode dizer em relação à LBK, na Alemanha, e em relação a grandes unidades culturais semelhantes em outras áreas.
- IV) No que se refere à Europa, o quadro revelado por esses mapas já evidente, assim que o registo arqueológico permite um mapeamento geográfico adequado das culturas (i. e., do Paleolítico Final e do Mesolítico) é o da formação de grandes órbitas culturais etnolinguísticas. Este panorama continua também no Neolítico Antigo, até que acontece uma fragmentação de cada órbita original, a começar durante o Neolítico e aumentando constantemente durante as Idades dos Metais. Alguns períodos de deslocação de fronteiras e de transição descontínua causados pela expansão transitória de grupos de elite no final das Idades

dos Metais — geralmente vêm a terminar, em posteriores desenvolvimentos, com o reaparecimento das fronteiras anteriores.



No enquadramento da Teoria da Continuidade Paleolítica, o alto grau de diferenciação do panorama cultural da Europa mesolítica, corresponderia a uma diferenciação linguística com semelhante desenvolvimento (segundo Djindjian, Kozlowiski e Otte [1999]).

Tudo isso parece corresponder estreitamente àquilo que deveríamos esperar se uma ou mais populações, falantes de uma e a mesma língua — tal como os Proto-Indo-Europeus ou como o povo proto-urálico —, se tivessem inicialmente espalhado pela Europa provenientes de África, e depois se tivessem fragmentado em diferentes grupos (órbitas culturais), primeiro, como resultado da sua exposição a diferentes nichos ecológicos, a diferentes redes sociais e a diferentes vizinhos; em segundo lugar, como resultado de ondas invasoras de imigrantes introdutores da agricultura e da criação de gado no Neolítico; e, mais tarde, nas Idades dos Metais, quando se desenvolveram as sociedades estratificadas, como resultado de ondas de elites invasoras de grupos próximos ou distantes, falando línguas conhecidas ou estrangeiras.

Como exemplos (para uma observação mais pormenorizada, v. Alinei 2000a, 2001b, 2002, 2003b, fc), resumirei seguidamente:

- I) A fronteira do grupo linguístico entre o urálico e o indo-europeu, na região do Báltico, coincide com a extremamente estável fronteira da Letónia separando, do Mesolítico ao Calcolítico, a norte, as culturas de Kunda, Narva e da cerâmica de *Pit-Comb* da área dos falantes de urálico —, das culturas indo-europeias de Nemunas 1, Nemunas 2, das ânforas redondas, da cerâmica cordada/boat axes e bay coast da área dos falantes do Báltico, a Sul¹.
- II) A fronteira linguística entre o francês e o alemão, na Alsácia, coincide com a fronteira arqueológica estável, separando as culturas neolíticas e calcolíticas de Chassey, Michelsberg, Som, Vienne-Charente, etc., na região céltica (actualmente de língua francesa), das que pertencem às culturas da LBK, SBK, Hinkelstein, Grossgartach, Rössen, etc., na actual região de língua alemã.
- III) As complexas fronteiras linguísticas e dialectais nos Alpes ocidentais, respectivamente entre o alemão e o neo-latim, na Suíça, entre o franco-provençal e o oïl, na Suíça, entre o franco-provençal e o occitano, em França e na Itália, e o galo-itálico em Itália, coincidem com as fronteiras que, nas diferentes zonas alpinas, separam as culturas derivadas da cerâmica impressa-cardeal da região do italóide, das culturas derivadas da LBK na Suíça germânica. Mais precisamente: por um lado, Cortaillod corresponde estreitamente aos dialectos franco-provençais, Chassey corresponde ao occitano, Lagozza corresponde aos dialectos galo-itálicos; por outro lado, Pfyn e Rössen correspondem

ao alemânico, dialecto da região suíço-alemã. Além disso, na costa da Ligúria e nos Alpes do Piemonte, a fronteira entre os dialectos occitano e galo-itálico corresponde à fronteira pré-histórica entre Chassey e a cultura do VBQ ou 'do vaso de boca quadrada' do vale do Pó.

IV) Nas estepes da Europa Oriental, uma notória e bem conhecida fronteira do Neolítico-Calcolítico separa as culturas agrícolas de Bug--Dniestre, Tripolye A I, Tripolye A II, Gorodsk-Ussatovo, de cerâmica cordada e de ânforas redondas, na Ucrânia, das culturas dos pastores e criadores de cavalos e cavaleiros de Sursk-Dniepre, Dniepre-Donec, Seredni Stog/Chvalinsk, Yamna (kurgany!) e de Catacumbas, nas estepes pônticas: esta é a fronteira que levou Marija Gimbutas a conceber o embate histórico entre uma população autóctone e pacífica de agricultores não-indo-europeus da "Velha Europa", e os guerreiros invasores indo-europeus, que os submergiram. À luz da PCT e de acordo com as provas linguísticas disponíveis, em vez disso, esta fronteira corresponde a uma fronteira muito mais antiga entre uma população oriental eslava de agricultores, no Ocidente, já separada e florescente, e entre grupos nómadas de pastores guerreiros turcos, no Oriente, que teriam sido responsáveis, entre outras coisas, pelas duas inovações constituídas pela criação de cavalos e a cavalaria.

Linguisticamente, a nova interpretação tem a vantagem de explicar: a) a antiguidade e a quantidade de palavras turcas importadas exactamente para a terminologia equestre nos dois ramos do samoiedo, nas línguas úgricas, tal como nas línguas eslavas; e b) mais genericamente, a quantidade de termos turcos agro-pastoris existentes nas línguas do Sudeste Europeu, incluindo o húngaro, que teria sido trazido para a sua actual região precisamente pela cultura *kurgan* (Alinei 2003a).

Curiosamente, a ininterrupta continuidade das culturas da estepe altaica, desde o Calcolítico até à Idade Média, pode ser simbolizada precisamente pelos próprios *kurgany*: por um lado, o costume de erguer *kurgany* em locais de enterramento foi sempre um dos elementos mais característicos das populações nómadas da estepe altaica, desde os primórdios do seu aparecimento histórico, até à mais tardia Idade Média. Por outro lado, a própria palavra russa *kurgan* não é de origem russa, eslava ou indo-europeia, mas uma palavra importada turca, com uma extensa difusão no Sul da Europa, e que corresponde estreitamente à expansão da cultura *kurgan* (Alinei 2000, 2003).

De notar que a fronteira deste grupo linguístico, entre o indoeuropeu (eslavo) e o turco, tem sido empurrada para leste no decurso da história, deixando para trás, contudo, minorias turcas, assim como numerosos topónomos turcos de outros vestígios linguísticos.

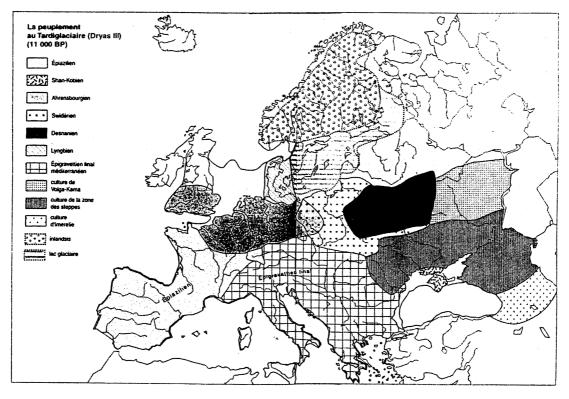
4.5 As linhas principais da reconstrução histórica da TCP

Resumindo, as linhas fundamentais da reconstrução histórica da TCP são:

- 1) A «chegada» dos povos indo-europeus à Europa e à Ásia tem de ser vista como um dos mais importantes episódios da «chegada» do *Homo sapiens* à Europa e à Ásia vindo de África, e não como um acontecimento pré-histórico recente.
- 2) O processo de diferenciação das línguas indo-europeias da língua comum proto-indo-europeia, reconstituída pela linguística comparada, tal como o processo de diferenciação dos seus ramos já separados (protocéltico, protogermânico, proto-itálico, protobalto-eslávico, protogrego, etc.) nas suas variedades dialectais actualmente subestandardizadas, deve ter demorado um tempo extremamente longo. Primeiramente, deve ter estado associado a vários episódios da migração original africana e, a seguir num tempo cada vez mais acelerado, à medida da estratificação social e das guerras coloniais —, aos vários estádios culturais, sociais e políticos, por que os novos grupos fragmentados foram passando nas zonas onde se estabeleceram.

Por exemplo:

- (a) A "misteriosa chegada" do Celtas ao Ocidente da Europa, obrigatória tanto na teoria tradicional, como na TDN, é substituída pelo panorama de uma mais primitiva diferenciação dos Celtas, enquanto grupo indo-europeu mais ocidental da Europa. É evidente que a Europa Ocidental deve ter sido sempre céltica, e a recente pré-história do Ocidente Europeu desde a cultura megalítica, atravessando a do vaso campaniforme, até à colonizadora La Tène deve ter sido céltica. Consequentemente, a duração da expansão colonial dos Celtas foi muito mais longa do que se tem pensado e direccionada do Ocidente para Oriente e não o contrário.
- (b) As extremamente bem-sucedidas (e sedentárias) culturas piscatórias do Mesolítico do Norte da Europa têm de ser atribuídas aos já diferenciados povos celtas, germânicos e bálticos, para além do povo urálico.



As três culturas mais antigas da Europa neolítica – o complexo balcânico, a cerâmica impressa-cardeal do Mediterrâneo e a LBK da Europa Central – que, no modelo de Renfrew, deveriam reflectir, respectivamente, o grupo itálico, o germânico e o celta, i. e., as línguas indo-europeias da Europa Ocidental (grego, báltico-eslavo, ilírio, etc. (segundo Clark [1977]).

- (c) Antes da época pós-glaciária, a região continental germânica deve ter-se estendido desde os Alpes até à calote polar, incluindo as actuais ilhas Frísias e parte das ilhas Britânicas. Depois do degelo, no mesolítico, expandiu-se para a Escandinávia (onde o seu período "Mesolítico", mais antigo, está ainda bem preservado) e, no Neolítico, surge primeiramente em associação à LBK. Enquanto a notável fragmentação da LBK, causada pela complexidade da recente pré-história da região, se vê reflectida no rico quadro dialectal da Alemanha e dos países germanófonos contíguos, a pré-história mais simples e o contexto geográfico completamente diferente da Escandinávia tornaram possível a preservação da maioria das características da língua original.
- (d) Aquilo a que actualmente chamamos área românica correspondendo de perto à região do Paleolítico Epigravetense, a culturas mesolíticas, tais como as de Castelnoviano e Sauveterrense, e à cultura impresso-cardeal do Neolítico em lugar de representar somente o que restou do imperialismo Romano, deve ser vista presentemente como a principal região linguística original do itálico (ou italóide, ou ibero-dalmático), na qual, para além do latim e de outras línguas itálicas, se falavam várias protolínguas semelhantes ao latim (além de Alinei 2000, ver também 1991, 1997cd, 1998b, 1998c, 2000c, 2001b, 2001c) e para cujos falantes, o latim de Roma deverá ter sido um (fácil de aprender) superstrato. O romeno parece ser uma língua invasora, introduzida nos tempos neolíticos na área eslava por agricultores da cultura impresso-cardeal, provenientes da Dalmácia (cultura hamangia).
- (e) A tese totalmente absurda da chamada «chegada tardia» dos Eslavos à Europa deve ser substituída pelo panorama de uma continuidade eslava desde o Paleolítico, e o crescimento demográfico e a expansão geográfica dos Eslavos podem explicar-se, muito mais realisticamente, pelo extraordinário sucesso, continuidade e estabilidade das culturas Neolíticas do Sudeste da Europa (as únicas, na Europa, que deram origem à formação dos *tells*) (Alinei 2000, fc.b).

4.6 Uma pequena história da TCP

Nos anos 90, três arqueólogos e três linguistas, todos independentemente uns dos outros, apresentaram uma nova teoria das origens do indo-europeu — semelhante à teoria da continuidade urálica —, na qual se reivindica a ininterrupta continuidade paleolítica também dos povos e

das línguas indo-europeias. Os três arqueólogos e pré-historiadores são: o americano Homer L. Thomas (Thomas 1991), o belga Marcel Otte (Otte 1994, 1995), um dos maiores especialistas do mundo do Paleolítico Médio e Superior, e o alemão Alexander Häusler, um especialista na pré-história da Europa Central (Häusler 1996, 1998, 2003). Os linguistas, para além de mim mesmo (Alinei 1996, 2000), são: Gabriele Costa (Costa 1998, 2000, 2001, 2002) e Cicerone Poghirc (Poghirc 1992). Mais dois linguistas estão agora a trabalhar seguindo a mesma linha (Ballester 2000a, 2000b, 2001, Cavazza 2001), e outros têm expressado, de um modo geral, a sua concordância (Benozzo 2002, Contini 2000, Le Du 2003, Simoni Aurembou 2002).

É, alias, importante verificar que esta teoria, comparada à TDN, é a única que foi concebida não só por arqueólogos, mas também por linguistas profissionais e, por essa razão, cuidadosamente controlada na sua coerência linguística, rigor e, em especial, na sua produtividade.

NOTA

¹ Só no final do Neolítico, a cultura não-urálica de *Bay Coast* se expandiu para a Estónia, mas veio a ser rapidamente absorvida pela cultura local urálica.

Bibliografia

- Alinei, Mario (1991), L'approccio semantico e storico-culturale: verso un nuovo orizzonte cronologico per la formazione dei dialetti, in Atti del Colloquio «I dialetti e la dialettologia negli anni Novanta» (Lecce: 9-11/5/1991), «Rivista Italiana di Dialettologia», 15, pp. 43-65.
- Alinei, Mario (1992), Dialectologie, anthropologie culturelle, archéologie: vers un nouvel horizon chronologique pour la formation des dialectes européens, in AA.VV., Nazioarteko dialektologia biltzarra. Agirak. Actas del Congreso International de Dialectologia Euskaltzaindia (Bilbo: 21-25/10/1991), Bilbo, Bonaparte, 1992, pp. 577-606.
- Alinei, Mario (1996), Origini delle lingue d'Europa, vol. I La Teoria della Continuità. Bologna, Il Mulino.
- Alinei, Mario (1996-2000), Origini delle lingue d'Europa, vol. I La Teoria della Continuità, vol. II: Continuità dal Mesolitico all'età del Ferro nelle principali aree etnolinguistiche. 2 voll., Bologna, Il Mulino.
- Alinei Mario (1997a); L'aspect magico-religieux dans la zoonymie populaire, in Publications de la faculté des lettres, arts, et sciences humaines de Nice, Les zoonymes, Nouvelle série, n. 38.
- Alinei Mario (1997b); Magico-religious motivations in European dialects: a contribution to archaeolinguistics, «Dialectologia et Geolinguistica» 5, pp. 3-30.
- Alinei, Mario (1997c), L'etude historique des etrês imaginaires des Alpes dans le cadre de la theorie de la continuité, in AA.VV., Actes de la Conference Annuelle sur l'activité scientifique du Centre d'Etude Francoprovencales. Les Etres imaginaires dans les recits des Alpes, Aosta, 1996, pp. 103-110.
- Alinei Mario (1997d), La teoria della continuità ed alcuni esempi di lunga durata nel lessico dialettale neolatino, in «Rivista Italiana di Dialettologia», 21, pp.73-96.
- Alinei, Mario (1998a), Towards an invasionless model of Indo-european origins: the continuity theory, in M. Pearce and M. Tosi (eds.), Papers from the EEA Third Annual Meeting at Ravenna 1997. Vol. I: Pre-and Protohistory, pp. 31-33.
- Alinei, Mario (1998b), Il problema dell'etnogenesi ladina alla luce della «teoria della continuità», in Mondo Ladino. «Atti del Convegno I Ladins dles Dolomites». Convegno Interdisciplinare (Vigo di Fassa, 11-14/9/1996), XXII, pp. 459-487.
- Alinei, Mario (1998c), Nuove prospettive nella ricerca storico-semantica ed etimologica, in «Quaderni di Semantica» 19,2, Atti del XXX Congresso SLI Budapest, Bulzoni, pp. 199-212.
- Alinei, Mario (2000a), Origini delle lingue d'Europa, vol. II Continuità dal Mesolitico al Ferro nelle principali aree europee, Bologna, Il Mulino.
- Alinei, Mario (2000b), An alternative model for the origins of European peoples and languages: the continuity theory, «Quaderni di Semantica» 21, pp. 21-50.
- Alinei, Mario (2000c), L'etnogenesi Ladina alla luce delle nuove teorie sulle origini dei popoli indoeuropei, in Atti del Convegno «Ad Gredine forestum: Il costituirsi di

- una vallata» (Ortisei: 23-25/9/1999), pp. 23-64.
- Alinei, Mario (2001a), European dialects: a window on the prehistory of Europe, «Lingua e Stile» 36, pp. 219-240.
- Alinei, Mario (2001b), Confini archeologici, confini dialettali: verso una dialettologia interdisciplinare, in G. Marcato (ed.), I confini del dialetto, Atti del Convegno (Sappada/Plodn/Belluno: 5-9/7/2000), Padova, Unipress, pp. 75-94.
- Alinei, Mario (2001c), Conseguenze delle nuove teorie indoeuropeistiche sulla dialettologia romanza, in Badia i Margarit (ed.), «Estudis Romànics», 23, pp. 7-47.
- Alinei, Mario (2001d), Nuove prospettive nella ricerca storico-semantica ed etimologica, in Società di Linguistica Italiana SLI 42, Semantica e Lessicologia Storiche. Atti del XXXII Congresso, Bulzoni, pp. 25-46.
- Alinei, Mario (2002), Towards a Generalized Continuity Model for Uralic and Indo--European Languages, in K. Julku (ed.), The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia IV (Oulu: 18-20/8/2000), Oulu, Societas Historiae Fenno--Ugricae, pp. 9-33.
- Alinei, Mario (2003), Etrusco: una forma arcaica di ungherese, Bologna, Il Mulino.
- Alinei, Mario (2003b), Interdisciplinary and linguistic evidence for Palaeolithic continuity of Indo-European, Uralic and Altaic populations in Eurasia, in «Quaderni di Semantica» 24,2.
- Alinei, Mario (fc.a), Continuity from Paleolithic of Indo-European and Uralic populations in Europe: the convergence of linguistic and archaeological frontiers, in Proceedings of the XIVth Congress of the UISPP (Liège: 2-8/9/2001), BAR International Series.
- Alinei, Mario (fc.b), Interdisciplinary and linguistic evidence for Palaeolithic continuity of Indo-European, Uralic and Altaic populations in Eurasia, with an excursus on Slavic ethnogenesis, in Proceedings of Kobarid conference (2003).
- Ammerman, Albert J. Cavalli-Sforza, Luigi L. (1984), *The Neolithic transition* and the genetics of population in Europe, Princeton, Princeton University Press.
- Ballester, Xaverio (1999), Alinei, ovvero Indoeuropei, gente comune: perché no?, «Rivista Italiana di Dialettologia» 23, pp. 293-310
- Ballester, Xaverio (2000), Sulle origini delle lingue indoeuropee, «Quaderni di Semantica» XXI, pp. 7-20.
- Ballester, Xaverio (2001), *Alinei II: la sintesi emergente*, «Rivista Italiana di Dialettologia» 25, pp. 373-385.
- Ballester, Xaverio (fc) «Indo-European: a Language for Hunters and Gatherers», in *Proceedings of XIVth Congress of the UISPP* (Liège, September 2-8, 2001), BAR International Series.
- Benozzo, Francesco (2001), Review of Alinei 2000a, «Studi Celtici» I, pp. 243-253.
- Burkitt, Miles Childe, Gordon V. (1932), A Chronological Table of Prehistory, «Antiquity» 6, pp. 185-205

- Cavalli-Sforza, L.L. Piazza, A. Menozzi, P. Mountain, J. (1988), Reconstruction of Human Evolution: bringing together Genetic, Archaeological and Linguistic Data, «Proc. Natl. Acad. Sciences USA», 85, pp. 6002-6006.
- Cavalli-Sforza, L.L. Menozzi, P. Piazza, A. (1994), The History and Geography of Human Genes, Princeton, Princeton University Press.
- Cavazza, Franco (2001), Lezioni di indoeuropeistica con particolare riguardo alle lingue classiche (sanscrito, greco, latino, gotico), I. I nomi degli Indoeuropei, loro protolingua e loro protopatria. La glottogenesi. Cultura e società indoeuropea. Le lingue indoeuropee, Pisa, ETS.
- Childe, Gordon Vere (1925/1957), The Dawn of European Civilization, 1st ed., 6th rev. ed., London, Routledge & Kegan.
- Contini, Michel (2000), Vers une nouvelle linguistique historique. L'ouvrage de Mario Alinei, Origini delle lingue d'Europa, «Dialectologia et Geolinguistica» 8, pp. 13-35.
- Costa, Gabriele (1998), Le origini della lingua poetica indeuropea. Voce, coscienza e transizione neolitica. Firenze, Olschki.
- Costa, Gabriele (2000), Sulla preistoria della tradizione poetica italica, Firenze, Olschki.
- Costa, Gabriele (2001), Continuità e identità nella preistoria indeuropea: verso un nuovo paradigma, «Quaderni di Semantica» 22,2, pp. 215- 260.
- Costa, Gabriele (2002), *Note linguistico-culturali in margine a un testo implicito: l'iscrizione paleoitalica da Tortora e l'area italide*, «Quaderni di Semantica» 23,2, pp. 223-241.
- Durante, Marcello (1977), Aspetti e problemi della paleontologia indeuropea, in AA.VV., Paleontologia linguistica. Atti del VI convegno internazionale di linguisti (Milano: 2-6/9/1974), Brescia, Paideia, pp. 39-63.
- Georgiev, Vladimir I. (1966), *Introduzione alla storia delle lingue indeuropee*, Edizioni dell'Ateneo.
- Gimbutas, Marija (1970), Proto-Indo-European culture: the Kurgan culture during the 5th to the 3rd millennia B.C., in G. Cardona H. M. Koenigswald A. Senn (eds.), Indo-European and Indo-Europeans, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, pp. 155-198.
- Gimbutas, Marija (1973), Old Europe c.7000-3500 BC., the earliest European cultures before the infiltration of the Indo-European peoples, «Journal of Indo-European Studies» 1, pp. 1-20.
- Gimbutas, Marija (1977), The first wave of Eurasian steppe pastoralists into Copper Age Europe, «Journal of Indo-European Studies» 5, pp. 277-338.
- Gimbutas, Marija (1980), *The Kurgan wave migration (c. 3400-3200 B.C.) into Europe and the following transformation of culture*, «Journal of Near Eastern Studies» 8, pp. 273-315.
- Häusler, Alexander (1996), Invasionen aus der nordpontischen Steppen nach

- Mitteleuropa im Neolithicum und in der Bronzezeit: Realität oder Phantasieprodukt?, «Arch. Inf.» 19, pp. 75-88.
- Häusler, Alexander (1998), Überlegungen zum Ursprung der Indogermanen, in K. Julku K. Wiik (eds.), The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia (Turku 30.5-1.6.1997), Turku, Societas Historiae Fenno-Ugricae.
- Häusler, Alexander (2003), Nomaden, Indogermanen, Invasionen. Zur Entstehung eines Mythos, Orientwissenschaftliche Hefte 5. Mitteilungen des SFB «Differenz und Integration» 3, Halle-Wittenberg, Orientwissenschaftliches Zentrum der Martin-Luther-Universität.
- Kühn, Herbert (1934), Herkunft und Heimat der Indogermanen, in Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences (London: 1-6/8/1932), Oxford-London, Oxford University Press.
- Le Du, Jean (2003), *Review of Alinei* (1996-2000), in «Études Celtiques» 35, pp. 351-358.
- Mallory, James P. (1989), *In search of the Indo-Europeans, Language, Archaeology and Myth*, London, Thames & Hudson.
- Meinander, Carl F. (1973), The problem of the Finno-Ugrian peoples' origin on the base of Archaeological data, in Studies in the Anthropology of the Finno-Ugrian Peoples, Helsinki.
- Nuñez, Milton G. (1987), A model for the Early Settlement of Finland, «Fennoscandia archaeologica» 4, pp. 3-18.
- Nuñez, Milton G. (1989), More on Finland's settling model, «Fennoscandia archaeologica» 6, pp. 90-98.
- Nuñez, Milton G. (1996), The Early Settlement of Northern Fennoscandia: When and Whence, in «Faravid» (Acta Societatis Historicae Finlandiae Septentrionalis XVIII-XIX).
- Nuñez, Milton G. (1997), Finland's settling model revisited, in Reports of the Early in the North Project, "Helsinki Papers in Archaeology" 10, pp. 93-102.
- Nuñez, Milton G. (1998), Old and new ideas about the origins of the Finns and Saami, in The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia I (Turku 30.5.-1.6.1997), ed. Kyösti Julku & Kalevi Wiik, ed. ass. Merja Äärelä, Turku, Societas Historiae Fenno-Ugricae, pp. 151-160.
- Otte, Marcel (1994), Diffusion of Modern Languages in Prehistoric Eurasia, New-Delhi, Preprint WAC 4.
- Otte, Marcel (1995): Diffusion des langues modernes en Eurasie préhistorique, «C.R. Acad. Sc. Paris» 321, série IIa, pp. 1219-1226.
- Pinker, Steven, (1994), The language Instinct, The New Science of Language and Mind, London, Penguin Books.
- Poghirc, Cicerone (1992), Pour une concordance fonctionnelle et chronologique entre linguistique, archéologie et anthropologie dans le domaine indo-européen, in R. Beekes A. Lubotsky J. Weitenberg (eds.), Rekonstruktion und relative

- Chronologie, Innsbruck, pp. 321-333.
- Poliakov, Léon (1974), *The Aryan Myth. A History of Racist and Nationalist Ideas in Europe*, Edinburgh, Chatto-Heinemann.
- Renfrew, Colin (1987), Archaeology and Language. The Puzzle of Indo-European Origins, London, J. Cape.
- Römer, Ruth (1985), Sprachwissenschaft und Rassenideologie in Deutschland, München, Fink.
- Ruhlen, Merritt (1994), On the origin of languages, Stanford, Stanford University Press.
- Simoni Aurembou, Marie-Rose (2002), *Nouveau regards sur la variation diatopique, Avant-propos, «Revue belge de philologie et d'histoire»* 80, pp. 773-777. Sykes, Brian (2001), *The seven daughters of Eve*, London, Corgi Books.
- Thomas, Homer L. (1991), *Indo-European: from the Paleolithic to the Neolithic*, in AA.VV. *Perspectives on Indo-European Language, Culture and Religion: Studies in Honor of E. C. Polomé*, Washington (DC), Inst. for the Study of Man, vol. I, pp. 12-37.
- Tobias, Phillip V. (1996), The evolution of the brain, language and cognition, in Facchini (ed.), Colloquium VIII: Lithic Industries, Language and Social Behaviour in the First Human Forms, The Colloquia of the XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences (Forlì [Italia] 8-14/9/1996), pp. 87-94.
- Trigger, Bruce G. (1989), A History of Archaeological Thought, Cambridge, Cambridge University Press.
- Villar, Francisco (1991), Los indoeuropeos y los orígenes de Europa. Lenguaje e historia, Madrid, Gredos (Gli indoeuropei e le origini dell'Europa, Bologna, Il Mulino, 1997).

Índice

- Apresentação, 3
- A Teoria da Continuidade Paleolítica sobre as origens indo-europeias: uma introdução, 5
- As duas teorias sobre as origens dos Indo-Europeus anteriores à TCP, 5
- 1.1 A Teoria da Invasão Calcolítica Indo-Europeia, 5
- 1.2 A Teoria da descontinuidade Neolítica de Renfrew, 6
- 2. Um resumo interdisciplinar das conclusões convergentes sobre o problema da origem da língua e das línguas, 8
- 2.1 Linguística geral, psicolinguística e linguística cognitiva, 9
- 2.2 Paleoantropologia, 9
- 2.3 Ciências cognitivas, 9
- 2.4 Genética, 10
- 2.5 Arqueologia, 11
- 3. Mais contributos para a solução do problema, 11
- 3.1 A Teoria da Continuidade Urálica, 12
- 3.2 História das ideias, 13
- 4. A nova síntese: a Teoria da Continuidade Paleolítica das origens dos Indo-Europeus, *15*
- 4.1 A continuidade como hipótese de trabalho de base das origens das línguas indo-europeias, 15
- 4.2 Antiguidade e estabilidade da linguagem e das línguas, em geral, 16
- 4.3 Antiguidade e periodização do léxico das línguas naturais, 16
- 4.4 As fronteiras arqueológicas coincidem com as fronteiras linguísti cas, 18
- 4.5 As linhas principais da reconstrução histórica da TCP, 22
- 4.6 Uma pequena história da TCP, 24

Bibliografia, 26